

A CRIAÇÃO (GÊNESIS 1)

Gênesis começa com uma magnífica visão panorâmica da criação que compreende o universo. Quando a voz do soberano Criador falou, um raio de luz intensa percorreu a lúgubre escuridão e separou-a da luz. O autor, como um artista a em uma imensa tela, retratou o cosmos em segundo plano. Houve uma separação, que dividiu as águas sobre a terra das águas que estavam no firmamento. Depois disso veio o acréscimo da porção seca, que continha uma abundância de vegetação. No céu, o sol, a lua e as estrelas foram colocados nos devidos lugares para separar o dia da noite e regular as estações e os anos.

No primeiro plano desta obra-prima, a perspectiva do autor da criação estreitou-se para detalhes menores. Ele apresentou todo tipo de vida marinha enchendo o fundo das águas, enquanto inúmeras aves voavam no alto céu. Ao enfocar a porção seca, o escritor/artista também retratou Deus enchendo os espaços vazios com uma enorme variedade de vida animal, incluindo feras do campo, rebanhos e gados e seres que rastejam sobre a terra. Por fim, no palco central do ápice da criação, ele retratou Deus criando um ser semelhante a Ele: um homem feito à Sua imagem, com quem o Criador poderia ter um relacionamento pessoal. Distinguindo-o de todas as demais criaturas, Deus deu ao homem o grande privilégio e a responsabilidade de exercer domínio e cuidar de Sua maravilhosa criação.

Esta visão da criação no primeiro capítulo de Gênesis é formidável e extasiante. Ela faz o leitor respeitar o soberano Deus do universo por Sua genealidade sabedoria e poder criativo. Deus só precisou falar para trazer o mundo à existência. Louvor e humildade são evocados quando ficamos cientes de que um Deus tão grande criou um mundo tão formoso para que seres humanos fracos e

frágeis habitem nele e esse Deus continua a abençoar o homem e prover tudo para ele, a despeito de sua pecaminosidade e, às vezes, rebeldia. Este senso de temor se reflete no oitavo salmo:

Quando contemplo os Teus céus, obra dos Teus dedos,
e a lua e as estrelas que estabeleceste,
que é o homem, que dele Te lembres.
É o filho do homem, que o visites?
Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do
que Deus
e de glória e de honra o coroaste.
Deste-lhe domínio sobre as obras da Tua mão
e sob seus pés tudo lhe puseste:
ovelhas e bois, todos,
e também os animais do campo;
as aves do céu, e os peixes do mar,
e tudo o que percorre as sendas dos mares.
Ó Senhor, Senhor nosso,
quão magnífico em toda a terra é o Teu nome!
(Salmos 8:3–9).

O salmista queria que a humanidade entendesse este universo como uma criação divina, não o resultado do acaso ou de processos acidentais. O relato da criação em Gênesis é ordeiro e contém um padrão recorrente que fornece uma estrutura equilibrada para o todo. Embora o autor não estivesse escrevendo poesia, ele usou uma técnica literária hebraica comum, a repetição, ao descrever os seis dias da criação:

Cada dia começa com uma introdução: “Disse Deus” (1:3, 6, 9, 14, 20, 24; veja 1:11, 26, 29).

A seguir, é dada uma ordem divina: “haja”; “ajuntem-se”; “apareça” (1:3, 6, 9, 11, 14, 20, 24, 26).

Uma informação é, então, emitida: “E assim se fez” (1:7, 9, 11, 15, 24, 30).

Depois é feita uma avaliação do item criado,

como “viu Deus que era bom” (1:4, 10, 12, 18, 21, 25, 31).

Finalmente, apresenta-se uma sequência de tempo, incluindo “tarde” e “manhã” (1:5, 8, 13, 19, 23, 31).

Quando Deus pronunciou que o que havia criado era “bom” e concluiu que era “muito bom”, Ele não estava usando a palavra hebraica טוב (tov) no sentido de algo que é moralmente “bom” em oposição ao que é “mau”. Em vez disso, a ideia expressa é que o Senhor aprovou completamente o que Ele fez porque era simplesmente como tinha de ser, sem defeitos nem falhas que precisassem de correção. É como se Deus, o artesão mestre, desse um passo para trás e parasse para admirar a beleza do trabalho de Suas mãos.

Outra característica poética do relato da criação é sua estrutura simétrica: a criação dos céus e da terra, incluindo todas as coisas inanimadas e todas as formas de vida animada, ocorreu em seis dias. No primeiro dia, fez-se uma separação entre luz e escuridão; e no quarto dia, o sol, a lua e as estrelas foram estabelecidos nos céus para prover uma separação organizada do dia e da noite. O segundo dia trouxe uma separação entre as águas sobre o firmamento e as águas debaixo do firmamento, e o quinto dia propiciou que os céus no alto se enchessem de aves e as águas embaixo, de vida marinha. O terceiro dia envolveu uma separação da porção seca e das águas (“mares”) e a introdução da vegetação, enquanto no sexto dia Deus povoou a terra com todos os tipos de animais e, por último, com seres humanos. A incompletude do começo deu lugar à completude; a falta de forma ganhou *design*. O autor concluiu afirmando que Deus “descansou” no sétimo dia (2:2, 3).

O relato da criação mostra a organização e o *design* divino do universo; este não é o resultado de um acidente cósmico ou de leis da natureza impessoais. Antes, é o resultado da vontade de um Deus soberano e amoroso, que não só o chamou à existência, mas também escolheu sustê-lo e renová-lo para todas as Suas criaturas, especialmente para o homem (veja Salmos 104).

A Bíblia não começa com argumentos filosóficos em defesa da existência de Deus; ela pressupõe que o

soberano Deus existe e que Ele é o Criador de tudo. A mensagem que Deus nos transmite nas Escrituras começa com Sua atividade criativa.

“CRIOU DEUS OS CÉUS E A TERRA...” (1:1, 2)

¹No princípio, criou Deus os céus e a terra. ²A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas.

Versículo 1. O relato da criação se abre com בְּרֵאשִׁית (*bere'shith*), que tem a ver com o **princípio** da atividade criativa de Deus. A tradução tradicional, que se encontra em todas as versões antigas da Bíblia, traduz o versículo 1 como uma frase ou oração gramatical independente. Isto concorda com os massoretas (escribas judeus), que inseriram pontos vocálicos e acentos no texto hebraico, por volta de 800 d.C. Assim como a ARA, a maioria das versões em língua portuguesa também traduziram o versículo 1 como uma frase ou oração independente (ACRF, ARC, ARIB, BJ, KJA, NVI, S21) e seguiremos este entendimento neste comentário¹. O versículo 1, então, parece servir de título ou subscrição que resume o restante do capítulo (1:2–31). Ele corresponde ao papel das afirmações genealógicas em 5:1; 6:9; 10:1; 11:10. Cada genealogia começa com uma oração gramatical independente que funciona como

¹Uma minoria de versões inglesas trata o versículo 1 como uma oração dependente (NAB; NEB; NJPSV; NRSV; TEV). Obtenha mais informações em Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis: Chapters 1–17*, The New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1990, pp. 103–8.

A ESTRUTURA SIMÉTRICA DA CRIAÇÃO

Incompleta e “Sem Forma” (1:2)—Vazia e Escura

Esfera de Ação

Sequências

Dia 1: Luz das Trevas
(luz criada e separada
Das trevas; 1:3–5)

Dia 4: Sol, Lua e Estrelas
(para governar dia
e noite; 1:14–19)

Dia 2: Céus da Água
(águas de cima separadas
das águas debaixo; 1:6–8)

Dia 5: Aves e Peixes
(para viver no céu
e na água; 1:20–23)

Dia 3: Mares da Porção Seca
(com a terra produzindo
vegetação; 1:9–13)

Dia 6: Animais e Humanos
(para viver na terra
e comer plantas; 1:24–31)

Dia 7: Completa e “Muito Boa”— Deus Descansou (2:1–3)

introdução do que vem a seguir².

O termo equivalente a Deus (אֱלֹהִים, *Elohim*) é usado aqui, mas não se trata realmente de um nome pessoal como “Iavé” ou “El Shadai”. Neste capítulo, ele é mais adequado porque o sujeito é Deus (*Elohim*), o soberano Criador do universo inteiro, em vez de Iavé, o Deus de Israel pessoal da aliança.

O texto também afirma que Deus **criou os céus e a terra**, uma outra maneira de dizer que Ele criou o cosmos completo. O termo hebraico בָּרָא (*bara'*) é um verbo que só aceita Deus como seu sujeito no Antigo Testamento; ele sempre descreve um ato criativo de Deus, e não do homem³. Sempre significa trazer algo novo à existência, seja sem uma matéria pré-existente (como em Isaías 43:15, 16; 65:18; Jeremias 31:32), seja onde não há sugestão de matéria pré-existente (como em Salmos 89:12; Isaías 45:12). O segundo caso certamente é o que ocorre em Gênesis 1. Apesar de este versículo não afirmar especificamente que Deus criou o universo *ex nihilo* (“do nada”), ele implica isso, uma vez que Deus criou tudo sem esforço, simplesmente emitindo a palavra. A ideia é mais explícita em Hebreus, onde está escrito: “Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem” (Hebreus 11:3).

Versículo 2. Após a afirmação introdutória sobre a criação dos céus e da terra no primeiro versículo, o autor voltou-se para **a terra**, descrevendo-a como **sem forma e vazia** (רְהוּ וְבוּהוּ, *thohu wabohu*). Em outras palavras, ela se encontrava num estado de desordem. Este tipo de desorganização inerte da terra é o contrário da ordem, beleza e vida descritas no fim do sexto dia da criação. As duas palavras hebraicas חֹהוּ (*thohu*) e בֹּהוּ (*bohu*) só são usadas juntas em outras duas seções do Antigo Testamento. Em ambas as ocorrências, elas descrevem o julgamento divino sobre as nações iníquas. A primeira passagem afirma que a espada do Senhor “desce sobre Edom e sobre o povo que destinei para a destruição” (Isaías 34:5) e depois Isaías descreve o resultado desse julgamento divino como “caos” (*thohu*) e “desolação” (*bohu*) (Isaías 34:11; NVI).

A outra passagem está em Jeremias. O profeta

estava proclamando uma mensagem de condenação sobre Jerusalém e Judá por causa de seus crimes e idolatria. Numa visão, ele presenciou o que parecia ser o inverso da criação, quando o exército babilônico devastou o que foi deixado da terra natal e da capital dos judeus. Empregando uma poderosa imagem poética, ele descreveu a terra como tendo voltado a seu estado original antes da criação (“sem forma e vazia”; Jeremias 4:23). Todas as cidades foram destruídas e não havia pessoas, aves, plantas nem luz. A terra havia se tornado novamente “sem forma” (*thohu*) e “vazia” (*bohu*) (Jeremias 4:23). A junção dos dois termos nestes oráculos proféticos de condenação propicia uma interpretação que lança luz sobre o significado de Gênesis 1:2–31 – a saber, que não se pronunciou “bom” até que a escuridão, o caos e a desolação fossem substituídos pela criação da luz, da forma, da beleza e do sentido.

Na afirmação **havia trevas sobre a face do abismo**, os termos “trevas” e “abismo” estão ligados no que parece ser a visão negativa dos povos antigos em relação a essas forças. Por muito tempo, pensou-se que a palavra hebraica traduzida por “abismo” (תְּהוֹם, *thehom*) derivasse do termo acadiano *Tiamat*, a deusa babilônica antiga do “abismo”. Segundo esse mito, Tiamat tinha de ser morta por Marduque (um jovem deus que aspirava a ser rei sobre todos os deuses) antes que a ordem surgisse do caos⁴. Todavia, mais recentemente, fortes argumentos foram apresentados contra esta tese, de maneira que “admite-se agora que linguisticamente *thehom* não pode derivar de Tiamat”⁵, e o autor de Gênesis não estava se valendo desse mito babilônico para sua terminologia. De fato, não há personificação de *thehom* na Bíblia, e ele nunca é visto como uma força poderosa que tinha de ser derrotada antes de Deus criar a luz, a vida e um belo mundo. O contrário é verdadeiro. A palavra simplesmente se refere às águas profundas e escuras sobre a terra sem forma e vazia. Estas permaneciam separadas e dentro de limites, à medida que Deus continuava seu processo criativo organizando e separando os vários *habitats* para a vida marinha, as aves, os animais terrestres e o homem.

O texto também afirma que **o Espírito de Deus pairava por sobre as águas**. A palavra hebraica

²Terence E. Fretheim, “The Book of Genesis” em *The New Interpreter's Bible*, vol. 1, ed. Leander E. Keck. Nashville: Abingdon Press, 1994, p. 342.

³W. H. Schmidt, “בָּרָא” em *Theological Lexicon of the Old Testament*, trad. Mark E. Biddle, ed. Ernst Jenni e Claus Westermann. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1997, vol. 1.255.

⁴O *Épico da Criação* 4, pp. 1–146.

⁵R. Laird Harris, “תְּהוֹם” em *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, ed. R. Laird Harris, Gleason L. Archer Jr. e Bruce K. Waltke. Trad. Marcio L. Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos O. C. Pinto. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998 (aqui citado como *DITAT*).

(*ruach*) pode significar “vento” ou “espírito” quando combinada com *Elohim* (Deus). Pode ser traduzida por “um vento de Deus” ou “um vento poderoso”. Essas traduções, porém, parecem altamente improváveis porque nas outras quinze passagens em que essa expressão ocorre no Antigo Testamento, em nenhuma delas o significado é qualquer coisa semelhante a “um vento poderoso”.

Ainda que *Elohim* possa ser usado como um adjetivo e não um substantivo em Gênesis 23:6, onde Abraão é chamado de “príncipe poderoso” (ou “um príncipe de Deus”), esse entendimento não se harmoniza com o contexto de Gênesis 1. Como se esperaria que um tradutor do texto hebraico original diferenciasse *Elohim* de 1:2 das outras trinta e uma ocorrências da palavra no mesmo capítulo, ocorrências essas que significam simplesmente “Deus”?

Onde *ruach* é usado no sentido de “vento” que é uma manifestação poderosa da presença de Deus, ele comunica o conceito de uma força destrutiva. Por exemplo, Êxodo 15:10 diz o seguinte sobre Deus: “Sopraste com o Teu vento, e o mar os [o exército do Faraó] cobriu; afundaram-se como chumbo em águas impetuosas” (veja Isaías 11:15; 40:7; Oseias 13:15). O contexto de Gênesis 1 rejeita esse uso de *ruach Elohim*. Em vez de ser usado como um poder destrutivo, o *ruach Elohim* parece fazer parte do processo construtivo e criativo que Deus iniciou em Gênesis.

Quando o texto refere-se ao Espírito de Deus “pairando” (מְרַחֶפֶת, *merachepeth*) sobre as águas terrenas, o verbo pode significar que o Espírito “se movia” (NVI) sobre as águas. A razão para essa interpretação é que outra passagem compara lavé a uma águia “voejando” (רָחַף, *rachap*) em proteção aos seus filhotes (Deuteronômio 32:11). Se este for o sentido da frase de Gênesis 1, o versículo enfatiza que, a despeito desse estado aparentemente desorganizado nas profundezas aquáticas, o Espírito protetor de Deus mantinha tudo sob controle. Era apenas uma questão de tempo até Deus começar a falar e criara ordem, a vida e a beleza deste primeiro estágio de Sua criação.

DIA 1: A LUZ CRIADA E SEPARADA DAS TREVAS (1:3–5)

³Disse Deus: Haja luz; e houve luz. ⁴E viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas. ⁵Chamou Deus à luz Dia e às trevas, Noite. Houve tarde e manhã, o primeiro dia.

Versículo 3. Quando teve início o processo ordeiro de criação, ele se deu pela palavra falada de Deus. A frase **disse Deus** dá o tom e estabelece um padrão que o escritor seguiu por todo o restante do capítulo e pelo resto das Escrituras. Para ilustrar, um salmista disse: “Os céus por Sua [do Senhor] palavra se fizeram, e, pelo *sopro* de Sua boca, o exército deles... Pois Ele falou, e tudo se fez; Ele ordenou, e tudo passou a existir” (Salmos 33:6, 9; grifo meu). Existe um paralelismo entre “palavra” e “sopro” (*ruach*, “espírito”) nessa passagem. Quando Deus falou, Ele liberou a energia criativa do Seu Espírito de maneira que o que Ele disse aconteceu.

A primeira palavra do Criador registrada foi uma ordem: **Haja luz; e houve luz**. A obra inicial de trazer ordem e beleza ao cosmos, portanto, foi a criação da luz. Era uma luz natural ou física porque, sem ela, tudo era antes um domínio físico de trevas e caos. O fato de Deus criar a luz três dias antes de criar o sol não precisa incomodar o leitor porque tudo que o escritor de Gênesis afirmou é que Deus fez a luz brilhar de uma fonte diferente do sol nesse primeiro dia. A luz e as trevas geralmente são usadas na Bíblia para significar domínios mutuamente exclusivos; por exemplo, as trevas prevaleceram por três dias em toda a terra do Egito, até nos lares dos egípcios; mas as casas dos israelitas tinham luz (Êxodo 10:21–23). Também, no deserto, as trevas cercaram o acampamento dos israelitas; porém sobre o tabernáculo ficava a coluna de fogo, que iluminava o povo de Deus (Números 9:15–18; veja Êxodo 12:20–22).

Num sentido espiritual, a distinção entre a luz e as trevas é especialmente evidente quando se contrasta o bem com o mal. A luz geralmente é usada num sentido metafórico representando o domínio da justiça e da vida (Salmos 37:6; 56:13), a sabedoria e os mandamentos de Deus (Jó 12:22; 24:13) e a salvação e presença de Deus (Números 9:15, 16; Salmos 27:1; Isaías 9:2). Por outro lado, as trevas simbolizam o pecado e a iniquidade (Jó 5:14; Provérbios 2:13; Eclesiastes 2:14), superstição e idolatria (Isaías 9:2; Ezequiel 8:12) e julgamento e morte (Salmos 105:28; Ezequiel 30:18; Joel 2:2).

Versículo 4. Após a criação da luz, Deus, como o artista-mestre, deu um passo para trás para admirar Sua obra e viu quão bela era a luz. Ele, então, **fez separação entre a luz e as trevas** e pronunciou **que a luz era boa**. Ao dizer “boa” Deus não quis expressar que a luz era moralmente boa; mas que era capaz e adequada para fazer o que Ele propunha para

ela, a saber, fornecer a energia que possibilita um ambiente em a vida se sustente e revelar a beleza da Sua criação. Quando Deus “fez separação entre a luz e as trevas”, Ele não destruiu nem anulou as trevas que já estavam presentes. Ele separou-as, a fim de mantê-las distintas. Cada elemento tem seu lugar na linha do tempo, cada um funciona por um período e depois é seguido pelo outro.

Versículo 5. Chamou Deus à luz Dia e às trevas, Noite. Por todo este capítulo de Gênesis, o escritor enfatizou que o Criador deu nomes a uma série de coisas que Ele fez. Ele chamou à luz “Dia” e às trevas, “Noite” (1:5). Deus designou o firmamento “Céus” (1:8), a porção seca, “terra” e o ajuntamento das águas “Mares” (1:10). Além disso, Deus chamou ao ser masculino e feminino “Homem” (אָדָם, ‘adam) ou “humanidade” (veja os comentários sobre 1:27; 5:1, 2). No Antigo Testamento, dar nome a alguma coisa era afirmar domínio sobre ela (veja 2:20, 23; 3:20; 4:25; 2 Reis 23:34; 24:17). Desse modo, Deus definiu os respectivos papéis que essas criações deveriam desempenhar no Seu plano.

Houve tarde e manhã, o primeiro dia. Na conclusão de cada dia da criação, o escritor encerrou o parágrafo com uma expressão similar, fornecendo assim o respectivo número para os novos dias em sucessão (1:8, 13, 19, 23, 31). Na mentalidade hebraica, o dia começou com escuridão (veja 1:2), a qual foi seguida pela criação da luz; e continuou até o cair da noite, com o início do dia seguinte.

DIA 2: AS ÁGUAS SEPARADAS PELO FIRMAMENTO (1:6–8)

⁶E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas. ⁷Fez, pois, Deus o firmamento e separação entre as águas debaixo do firmamento e as águas sobre o firmamento. E assim se fez. ⁸E chamou Deus ao firmamento Céus. Houve tarde e manhã, o segundo dia.

Versículo 6 a 8. Quando Deus tornou a falar, o resultado foi a criação do firmamento, o que **fez separação entre as águas debaixo do firmamento e as águas sobre o firmamento**. A palavra traduzida por “firmamento” em hebraico é רָקִיעַ (*raqia’*) e seu significado básico tem a ver com o que é “expandido” ou “batido” (como lâminas de metal). Algumas passagens usam o verbo correlato רָקַע (*raqa’*) no sentido de forjar metal sólido (Êxodo 39:3; Números 16:39 [17:4]; Isaías 40:19; Jeremias 10:9; veja Jó 37:18). Isto

levou alguns estudiosos a interpretar *raqia’* como “a abóbada do céu, ou ‘firmamento’, considerado pelos hebreus como algo sólido, que suporta ‘as águas’ acima dele”⁶ (veja KJA).

É evidente, porém, que o autor de Gênesis não entendia *raqia’* como um domo ou abóbada sólida porque ele afirmou que **chamou Deus ao firmamento Céus** (רָקִיעַ, *shamayim*) ou “céu” (NVI). E Ele afirmou que o sol, a lua e as estrelas foram colocados nesse céu (1:14–17) e referiu-se a ele como o “firmamento dos céus”, onde as aves voam (1:20), ou seja, a atmosfera⁷. Certamente ele não entendia o termo como uma abóbada sólida feita de algo como metal ou vidro; antes, explicou o firmamento de um modo fenomenológico. O homem vê o sol e as estrelas situados nos céus, mas ao mesmo tempo, as aves voam facilmente pelos céus. Nestes versículos, o firmamento é simplesmente um divisor entre as águas acima (das nuvens) das águas embaixo (sobre a terra).

A visão bíblica de firmamento (ou céu) se distingue da visão do antigo relato da criação babilônico. Segundo o *Enuma Elish*, depois do deus Marduk matar a deusa do mar Tiamat, “ele a dividiu como um molusco em duas partes”. Metade dela ele deixou sobre a terra como as águas de baixo, e a outra metade ele a transformou num céu (prisão), “forrado” nos céus. Depois ele destacou guardas como sentinelas e “ordenou que eles não permitissem que as águas dela escapassem”⁸. Nesta história mitológica, o céu é feito de material pré-existente, a saber, da metade do corpo de Tiamat, a deusa maligna do mar. Marduk teve de trancá-la e providenciar guardas para impedi-la de derramar suas águas destrutivas sobre a terra. Portanto, neste mito, as águas dos céus são vistas como uma deusa antagonica que, mesmo depois de morta, teve de ser mantida sob constante prisão para proteger a terra das tendências destrutivas dessa deusa. Esta é uma visão muito diferente da apresentada pelo escritor de Gênesis ou por Jesus, o qual falou de Deus como um Pai celestial amoroso, que anseia por abençoar as vidas dos seres humanos mandando “chuva sobre justos e injustos” (Mateus 5:45).

⁶Francis Brown, S. R. Driver e Charles A. Briggs, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1962, p. 956.

⁷J. Barton Payne, “רָקִיעַ” em *DITAT*, p. 1415.

⁸O *Épico da Criação* 4.137–140.

DIA 3: TERRA, PLANTAS E ÁRVORES SÃO CRIADAS (1:9–13)

⁹Disse também Deus: **Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim se fez.** ¹⁰**À porção seca chamou Deus Terra e ao ajuntamento das águas, Mares. E viu Deus que isso era bom.** ¹¹**E disse: Produza a terra relva, ervas que dêem semente e árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra. E assim se fez.** ¹²**A terra, pois, produziu relva, ervas que davam semente segundo a sua espécie e árvores que davam fruto, cuja semente estava nele, conforme a sua espécie. E viu Deus que isso era bom.** ¹³**Houve tarde e manhã, o terceiro dia.**

Versículos 9 e 10. O autor da narrativa migrou rapidamente das “águas” nas nuvens para **as águas** sobre a terra. Evidentemente, a terra estava destinada a se tornar a morada dos homens e dos animais (1:24–31); todavia, antes que ela pudesse ser a habitação da vida animal e humana, **a porção seca** teve de ser separada das **águas**. Deus proveu fronteiras para a existência de habitantes na terra. Deus chamou à porção seca **Terra** e ao ajuntamento das águas, **Mares**. Mais uma vez, Deus anunciou que a Sua obra era **boa**.

Versículos 11 a 13. A criação dos animais terrestres e do homem exigiu não só o surgimento da porção seca, mas também a existência de todos os tipos de **relva** (“vegetação”; NVI) para a sobrevivência deles. Deus mandou a terra produzir uma abundância de **ervas e árvores** (“plantas”; NVI). Esse poder gerador não fez da natureza uma deusa (Mãe Terra), como dizem alguns. A terra por si só não tinha poder para produzir relva; mas, foi Deus sozinho que fez nascer a vida das plantas, pelo poder criativo de Sua palavra. Isto corresponde às palavras do salmista, que disse: “Fazes crescer a relva para os animais e as plantas, para o serviço do homem, de sorte que da terra tire o seu pão” (Salmos 104:14).

Deus também proveu que a vida das plantas tivesse continuidade e se multiplicasse através da produção de sementes **segundo a sua espécie**, para haver alimento em abundância para os animais e os seres humanos. Isto também levou à adaptação das plantas a muitos ambientes diferentes na terra.

Tudo isso, obviamente, é contrário às mitologias do Oriente Próximo antigo. Em Canaã, por exemplo, acreditava-se que Baal (o deus da fertilidade)

morrera perto do fim do ano pelas mãos de Mot (o deus “Morte”), fazendo as plantações murcharem e morrerem depois da colheita de verão. Dizia-se, então, que Baal foi levado pelo deus dos mortos para o abismo; mas, na primavera do ano, a deusa Anath, consorte de Baal, resgatou-o matando Mot numa batalha sangrenta. Depois disso, Baal reviveu e teve relações sexuais com Anath e a união sexual deles fez a fertilidade voltar à terra produzindo novas searas e vida nova entre homens e animais⁹.

Muitas religiões antigas possuíam mitos semelhantes e rituais de fertilidade que envolviam intercuro sexual entre adoradores e prostitutas sagradas (veja Oseias 4:11–14). Essas práticas depravadas visavam induzir os deuses a imitar esses atos e, assim, produzir colheitas e frutos abundantes, bem como muitos descendentes entre animais e seres humanos. Em contraste com esses relatos corruptos de fertilidade, o texto de Gênesis registra que o soberano Deus do universo separou os mares fazendo surgir a porção seca, e fertilizou (encheu de nutrientes) a terra para produzir todo tipo de erva e **fruto**. Além disso, Deus decretou que a fertilidade da terra deveria se perpetuar através do processo de uma imensa variedade de sementes que continham vida – e tudo isso adveio do Deus único da criação, o verdadeiro Senhor da vida. Então, ao fim do **terceiro dia**, Deus declarou que tudo o que Ele realizara era **bom**.

DIA 4: O SOL, A LUA E AS ESTRELAS SÃO ESTABELECIDOS NOS CÉUS (1:14–19)

¹⁴Disse também Deus: **Haja luzeiros no firmamento dos céus, para fazerem separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais, para estações, para dias e anos.** ¹⁵**E sejam para luzeiros no firmamento dos céus, para alumiar a terra. E assim se fez.** ¹⁶**Fez Deus os dois grandes luzeiros: o maior para governar o dia, e o menor para governar a noite; e fez também as estrelas.** ¹⁷**E os colocou no firmamento dos céus para alumiar a terra,** ¹⁸**para governarem o dia e a noite e fazerem separação entre a luz e as trevas. E viu Deus que isso era bom.** ¹⁹**Houve tarde e manhã, o quarto dia.**

Versículos 14 e 15. A criação dos corpos celesti-

⁹H. L. Ginsberg, trad. “Poems about Baal and Anath” em *Ancient Near Eastern Texts: Relating to the Old Testament*, 3a. ed., ed. James B. Pritchard. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1969, pp. 129–42.

ais – o sol, a lua e as estrelas – é descrita neste capítulo mais minuciosamente do que os demais itens, excetuando-se a criação do homem, cujo relato é repetitivo. A quantidade de espaço cedida à descrição do quarto dia pode ser devida à grande importância que os corpos celestiais tinham no pensamento do mundo antigo. Na Mesopotâmia, Palestina e Egito, o sol, a lua e as estrelas eram adorados como deuses que controlavam as vidas diárias e os destinos dos homens e das nações.

Todavia, o autor de Gênesis referiu-os simplesmente como **luzeiros** criados por Deus para cumprir três funções: 1) Deveriam **fazer separação entre o dia e a noite**. 2) Deveriam ser **sinais** que indicam a passagem do tempo em **estações**, **dias** e **anos**. 3) Deveriam **alumiar a terra**. Haja vista a devoção religiosa que os povos antigos prestavam a esses corpos celestiais, o relato bíblico especifica que eles não são deuses, nem são corpos autônomos. Tampouco são eternos; pelo contrário, são entidades que um Deus soberano criou – não para serem servidas, mas para servir, fazendo a vontade dEle, que os criou (veja Salmos 104:19–23).

Versículos 16 a 19. O fato de o autor estar escrevendo num contexto de visões contemporâneas que deificavam os corpos siderais é evidente nestes versículos por sua escolha de terminologia. Para começar, ele escolheu uma expressão incomum, o luzeiro **maior**, em vez do termo comum para o sol: שֶׁמֶשׁ (*shemesh*). Em segundo lugar, ele falou do luzeiro **menor**, em vez de usar a palavra comum para a lua: יָרֵחַ (*yareach*). Provavelmente, o escritor optou por esses termos no lugar das palavras usuais para “sol” e “lua” porque, em outras línguas semíticas, esses vocábulos eram nomes de deuses. Algumas das cidades cananeias, como Bete-Semes e Jericó, retiveram sua significância pagã em seus nomes¹⁰.

Ainda que uma porção desses nomes pagãos tenham sobrevivido na Terra Prometida por muitos séculos à frente, o escritor de Gênesis queria que seu povo se lembrasse de que as respostas ao seu destino não residiam no sol, na lua nem nas **estrelas**, mas no único Deus verdadeiro que tudo criou. Os corpos celestiais **governam o dia e a noite** e servem de sinais para as estações fixas (dias e anos). Os povos da antiguidade não deveriam adorar esses corpos celestiais; eles eram simplesmente parte da criação,

¹⁰Bete-Semes significa “templo do sol” (Brown, Driver e Briggs, p. 112). O nome Jericó também vem da mesma raiz da palavra equivalente a “lua” (Hamilton, pp. 127–28, n. 4).

dando testemunho da glória do Criador (Salmos 19:1–6).

Em concordância com as afirmações sobre a obra de Deus nos dias anteriores, o texto relata que o que foi criado no **quarto dia** era **bom**. A criação do sol, da lua e das estrelas (emissores de luz) no quarto dia corresponde à criação da luz e sua separação das trevas no primeiro dia.

DIA 5: AS ÁGUAS E O CÉU SE ENCHEM DE CRIATURAS MARINHAS E AVES (1:20–23)

²⁰Disse também Deus: Povoem-se as águas de enxames de seres vivos; e voem as aves sobre a terra, sob o firmamento dos céus. ²¹Criou, pois, Deus os grandes animais marinhos e todos os seres vivos que rastejam, os quais povoavam as águas, segundo as suas espécies; e todas as aves, segundo as suas espécies. E viu Deus que isso era bom. ²²E Deus os abençoou, dizendo: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas dos mares; e, na terra, se multipliquem as aves. ²³Houve tarde e manhã, o quinto dia.

Versículo 20. É perceptível uma relação entre o segundo dia e o quinto dia. No segundo dia, Deus fez separação entre as águas de cima e as águas de baixo do céu para prover um *habitat* e um ambiente adequados para uma variedade de criaturas. Depois, no quinto dia, Ele criou as **aves** que povoariam o céu (**o firmamento dos céus**) e os seres aquáticos que povoariam os oceanos, mares e rios (as **águas** de baixo).

O relato afirma que as águas se **povoaram de enxames de seres vivos**. O verbo “povoar” (שָׂרַץ, *sharats*) é usado com seu substantivo cognato – um coletivo – que significa “enxames”¹¹. Tipicamente, *sherets* refere criaturas com rápido deslocamento, como insetos, ratos, pequenos répteis e lagartos. Neste contexto, a palavra geralmente refere criaturas aquáticas, podendo até incluir “os grandes animais marinhos” do versículo 21.

“Seres vivos” (נֶפֶשׁ חַיָּה, *nepesh chayyah*) é adjunto adnominal de “enxames”. Esta expressão é inclusiva; aplica-se a criaturas aquáticas em 1:20, 21, a animais terrestres em 1:24, a aves e animais terrestres em 9:10, ao ser humano em 2:7 e a animais em 9:16. Refere todas as criaturas vivas que têm fôlego de vida (veja os comentários sobre 2:7).

¹¹Brown, Driver e Briggs, p. 1056.

Versículos 21 a 23. A palavra *bara'* ("criar") não tinha ocorrido novamente desde o versículo 1, mas ocorre no versículo 21, que alista três grandes tipos de vida animal que Deus criou. Havia pequenos peixes que transitavam pelas águas e aqueles seres que rastejam pelo fundo dos oceanos. A seguir, vinham as aves que voam pelos céus. Finalmente, no terceiro grupo, o escritor referiu especificamente aos **grandes animais marinhos** (הַתַּיִמִּים הַגְּדֹלִים, *hath-thanninim haggedolim*). A raiz do vocábulo hebraico traduzido por "grandes animais marinhos" é תַּנִּין (*thannin*), que também significa "serpente" ou "dragão"¹² e pode referir uma cobra (Êxodo 7:9), um crocodilo (Ezequiel 29:3) ou algum tipo de ser vivente poderoso (Jeremias 51:34). Também é usado em literatura poética ou profética simbolicamente, descrevendo as vitórias de Deus sobre Seus inimigos (Jó 7:12; Salmos 74:13; Isaías 27:1; 51:9). No relato da criação, o autor não estava usando esse termo no segundo sentido, mas no sentido de seres aquáticos reais como baleias, hipopótamos, crocodilos e outros animais de grande porte que poderiam ser encontrados em ou perto do mar.

Os *thanninim* ("grandes animais marinhos") não eram inimigos a quem Deus teve de derrotar, como nos mitos pagãos; antes, faziam parte da Sua criação e foram declarados **bons**. Assim como outros animais, Deus os **abençoou** com poderes reprodutivos que os capacitaram a serem **fecundos, se multiplicarem e encherem as águas dos mares**. No término do quinto dia, o conceito de "bênção" foi introduzido como um dos principais temas teológicos que percorre o resto de Gênesis. O livro geralmente é descrito como a história do cumprimento das promessas de Deus para abençoar Suas criaturas.

DIA 6: OS ANIMAIS E O HOMEM SÃO CRIADOS (1:24–31)

A esta altura, apresenta-se uma descrição do último dia da criação. Mais detalhes são dados para o sexto dia do que para os cinco dias anteriores porque os atos poderosos de Deus atingiriam seu clímax na criação dos animais terrestres e da vida humana. No terceiro dia, surgiram a porção seca e todas as formas de relva ou vegetação, de modo que o sexto dia corresponde a este com a criação dos animais (1:24, 25) e do homem (1:26–28) para encher a terra. Além disso, como um presente generoso, Deus determinou que os frutos produzidos pelas relvas fossem

¹²Ibid., p. 1072.

o alimento para sustentá-los (1:29, 30). Esta seção, juntamente com o primeiro capítulo, conclui com a avaliação divina de tudo que Ele havia criado: era "muito bom" (1:31).

A Criação dos Animais Terrestres (1:24, 25)

²⁴Disse também Deus: Produza a terra seres viventes, conforme a sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selváticos, segundo a sua espécie. E assim se fez. ²⁵E fez Deus os animais selváticos, segundo a sua espécie, e os animais domésticos, conforme a sua espécie, e todos os répteis da terra, conforme a sua espécie. E viu Deus que isso era bom.

Versículos 24 e 25. Nestes dois versículos, o autor descreveu três categorias de animais terrestres (**seres viventes**) que Deus criou. 1) **Animais domésticos** ou "rebanhos" (NVI) provavelmente incluíam os animais domesticados grandes que se alimentavam de grama e capim. 2) **Répteis** designava insetos, cobras, lagartos e pequenos quadrúpedes. 3) **Animais selváticos** parece referir toda espécie de animal selvagem. Assim como Ele havia disposto as plantas, árvores, animais marinhos e aves, Ele agora designou todas as espécies de animais terrestres. O Criador colocou fronteiras e estabeleceu limites para toda a criação. Então, ao tornar Suas obras autoperpétuas, Ele fez de cada tipo de planta e vida animal um capaz de criar. Ao observar a Sua obra, viu Deus que isso era bom.

A Criação do Homem à Imagem de Deus (1:26–28)

²⁶Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. ²⁷Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. ²⁸E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.

Versículo 26. Com a criação do homem, o relato dos começos atinge seu zênite porque Deus o criou

à Sua própria **imagem** (צֶלֶם, *tselem*) e **semelhança** (דְּמוּתָהּ, *demuth*). O homem não é igual a Deus no aspecto físico, mas entre a criação divina, ele compartilha de maneira única dos atributos espirituais, intelectuais e morais de Deus.

A palavra hebraica para **Deus** (אֱלֹהִים, *Elohim*) é uma forma plural. Embora o autor de Gênesis não creia numa pluralidade de deuses, como na mitologia pagã, ele usou o verbo **fazer** na primeira pessoa do plural. Sem dúvida, ele fez isso para o verbo corresponder ao sujeito plural, “Deus”. A razão para isso é intensamente debatida, especialmente à luz do fato de que em outros versículos de Gênesis 1, verbos no singular são empregados com o substantivo plural *Elohim*¹³.

Uma sugestão popular é que o escritor usou formas no plural em 1:26 para enfatizar a grandiosidade de Deus no sentido da plenitude de Seus atributos e poderes que o povo antigo concebia como atrelados à Divindade. Todavia, além da possibilidade da passagem acima, as Escrituras em nenhum outro trecho exibem o tipo de uso do plural que um soberano poderia usar ao emitir um edito¹⁴. Também, a ideia de que o plural é empregado aqui para salientar a honra devida a Deus não é convincente, visto que a ideia principal da passagem é o relacionamento especial que existe entre Deus e o homem. O foco está na criatura ter sido feita à imagem do Criador, e não na grandiosidade dos atributos de Deus.

Além desse palpite, outros comentaristas já defenderam o uso da primeira pessoa do plural (nós ou nosso), referindo a Deus, como prova da doutrina da Trindade no Antigo Testamento. Contudo, foi somente no segundo século da era cristã que os cristãos começaram a usar Gênesis 1:26 implicando haver ali uma pluralidade de Pai, Filho e Espírito Santo na Divindade. Obviamente, existe apoio abundante no Novo Testamento para essa doutrina¹⁵. Entretanto, nenhum escritor inspirado referiu alguma vez o uso do plural (“nos” e “nosso”) no relato da criação sugerindo o conceito de um Deus trino. Isto, por sua vez, deve nos levar a hesitar fazer tais alegações, quando não há precedente bíblico

¹³John T. Willis, *Genesis, The Living Word Commentary*. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1979, p. 87.

¹⁴H. C. Leupold, *Exposition of Genesis*, vol. 1 (n.p.: Wartburg Press, 1942; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1953), pp. 86–87.

¹⁵Por exemplo, veja Mateus 3:16, 17; 28:19; João 1:1–3; 10:30–33; 20:28; Atos 5:3, 4; Romanos 8:9–17, 26–29; 2 Coríntios 13:14; Efésios 3:16–19; Filipenses 2:5–11; Colossenses 1:15–17; Hebreus 1:1–3; Judas 20, 21; Apocalipse 5:8–14.

para tal interpretação.

Um entendimento final de 1:26, que merece consideração, é que no próprio Antigo Testamento, Deus geralmente é citado como um grande Rei, o qual está assentado no Seu trono tendo um conselho celestial de anjos reunidos ao Seu redor. Nas palavras do profeta Micaías: “Vi o Senhor assentado no Seu trono, e todo o exército do céu estava junto a Ele, à Sua direita e à Sua esquerda”. Depois o Senhor desafiou o exército celestial dizendo: “Quem enganará a Acabe, para que suba e caia em Ramote-Gileade?” (1 Reis 22:19, 20). Imediatamente, um dos seres angelicais veio e se apresentou para a missão de fazer juízo ao perverso Acabe, o rei de Israel, o reino do Norte. Outro texto que descreve Deus como um Rei soberano tendo um conselho celestial ao Seu redor é Salmos 89:5–7. Este salmista disse que “a assembleia dos santos” nos céus louva o Senhor, e depois ele declarou que nenhum dos “seres celestiais” é comparável ao Senhor porque Ele é “Deus... sobremodo tremendo na assembleia dos santos”.

Finalmente, Isaías 6:1–8 descreve Deus como um grande Rei “assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de Suas vestes enchem o templo”. Diz-se que Deus está cercado de um exército de serafins (seres angelicais) que O louvam e estão prontos para fazer a Sua vontade (Isaías 6:1–3, 6, 7). No relato em que Isaías ouviu a voz de Deus, dizendo: “A quem enviarei, e quem há de ir por Nós?” (Isaías 6:8), a visão obviamente inclui uma assembleia celestial de anjos na pergunta do Senhor, que contém a primeira pessoa do plural “Nós”.

À luz destas passagens, em vez de entender Gênesis 1:26 como uma referência específica à Trindade, parece mais provável que ele descreva Deus agindo de comum acordo com Seu exército celestial. Os anjos, portanto, participaram da criação – não por serem co-criadores, mas por testemunharem tudo que Deus estava fazendo e por louvarem a Deus por isso. Deus mencionou esses seres quando fez a Jó as perguntas poéticas: “Onde estavas tu, quando Eu lançava os fundamentos da terra? ...Sobre que estão fundadas as suas bases ou quem lhe assentou a pedra angular, quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus?” (Jó 38:4–7)¹⁶.

Versículo 27. Enquanto o versículo 26 é uma citação das palavras de Deus, o versículo 27 é o relato

¹⁶“Os filhos de Deus” em Jó 1:6 e 2:1 são os anjos que se apresentaram perante Ele, estando Satanás também entre eles.

do autor. Ele usou a repetição num padrão ABBA para enfatizar seu ponto.

A1: **Criou Deus o homem**
B1: **à Sua imagem,**
B2: **à imagem de Deus**
A2: **o criou.**

Como a “imagem” (*tselem*) e a “semelhança” (*demuth*; 1:26) de Deus podem ser vistas nos seres humanos que Ele criou? O conceito é entendido de várias formas.

O primeiro termo, *tselem*, geralmente refere ídolos. Imagens desse tipo eram estritamente proibidas¹⁷ na lei do Senhor (Números 33:51, 52). Todavia, na maior parte da história do Antigo Testamento, o povo de Deus se recusou a lançar fora seus falsos deuses. Foi por isso que Deus decretou um fim para Jerusalém e Judá, permitindo que Seu povo idólatra fosse destruído juntamente com suas imagens (Ezequiel 7:3, 20, 24–27).

Gênesis 5:3 usa *tselem* (“imagem”) em outro sentido de semelhança física, e também inclui o termo *demuth* (“semelhança”) que ocorre em 1:26. Ao expor as gerações de Adão, o escritor disse: “Viveu Adão cento e trinta anos, e gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem, e lhe chamou Sete” (5:3). O significado mais natural é que havia uma semelhança espantosa na aparência física do pai e do filho. Ambos os termos, *tselem* e *demuth*, são usados para exprimir a ideia de que o filho parecia com o pai.

Em outras passagens, *tselem* não tem um significado concreto, mas refere algo de natureza mais espiritual. Um salmista, ao comentar sobre a brevidade da vida, lamentou que o prazo da sua vida não era nada aos olhos de Deus:

Na verdade, todo homem, por mais firme que esteja,
é pura vaidade [הֶבֶל, *hebel*]. Selá.
Com efeito, passa o homem como uma sombra [*tselem*];
em vão [*hebel*] se inquieta;
amontoa tesouros e não sabe quem os levará
(Salmos 39:5–6 RA)

No Salmo 39, é claro que *tselem*, traduzido por “sombra”, faz paralelo com *hebel*, vertido por “vaidade” e “em vão”. Ambas as palavras hebraicas referem a algo não físico.

Semelhantemente, em Salmos 73:20, um salmista comparou os ímpios a um “sonho [חַלֹּם, *chalom*],

quando se acorda” e disse que Deus “desprezará a imagem [*tselem*] deles”. Aqui, “sonho” (*chalom*) faz paralelo com “imagem” (*tselem*), traduzido por “sombra” e “sopro” (NVI). Isto indica que, pelo menos em alguns contextos, *tselem* deve referir outra coisa imaterial e sem corpo, não tendo forma substancial, mas sendo de natureza espiritual.

A outra palavra usada para descrever a imagem de Deus no homem é “semelhança” (*demuth*; 1:26). Também carrega a ideia de semelhança física. Ocorre numa pergunta em Isaías 40:18 e 19, em que Deus afirmou que nada no céu nem na terra pode se comparar com Ele. Neste texto, tanto o verbo דָּמָה (*damah*) quanto o substantivo derivado da mesma raiz (*demuth*) aparecem, respectivamente:

Com quem comparareis [*damah*] a Deus?
Ou que coisa semelhante confrontareis [*demuth*] com Ele?
O artífice funde a imagem,
e o ourives a cobre de ouro
e cadeias de prata forja para ela.

Em outras palavras, nenhuma imagem ou semelhança física idealizada pelo homem pode expressar a verdadeira natureza de Deus.

Nos dez mandamentos, Israel foi proibida de fazer qualquer imagem esculpida de Deus ou de tentar descrevê-IO por uma semelhança física de algo no céu ou na terra (Êxodo 20:3–5; Deuteronômio 5:7–9). Antes de os israelitas entrarem na Terra Prometida, Moisés exortou-os a serem cautelosos com isto: “Guardai, pois, cuidadosamente, a vossa alma, pois *aparência* nenhuma vistes no dia em que o Senhor, vosso Deus, vos falou em Horebe, no meio do fogo” (Deuteronômio 4:15; grifo meu). Eles não deveriam “fazer uma imagem esculpida” na forma ou semelhança de seres humanos (homem ou mulher), animais (feras, seres rastejantes, aves ou peixes), nem dos elementos do céu (sol, lua, estrelas) (Deuteronômio 4:16–19).

Apesar disso, Deus muitas vezes é descrito como um rei sentado num trono (Isaías 6:1) com mãos (Salmos 10:12, 14), pés (Isaías 60:13), face, olhos e ouvidos (Salmos 34:15, 16). Interpretam-se essas expressões no sentido de que o corpo físico do homem é feito à semelhança do corpo de Deus; mas elas são descrições figurativas de Deus e não devem ser entendidas literalmente. Essa interpretação constitui um mal-entendido fundamental da natureza de Deus, o qual é espírito e não carne (João 4:24; veja Lucas 24:39). É por isso que um salmista escreveu: “Para onde me ausentarei do Teu Espíri-

¹⁷John E. Hartley, “חַלֹּם” em *DITAT*, p. 1288.

to? Para onde fugirei da Tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também” (Salmos 139:7, 8).

A natureza espiritual de Deus contrasta com a natureza física do homem. A afirmação “criou Deus o homem à Sua imagem” refere à natureza espiritual de Deus (replicada no homem), enquanto **homem e mulher os criou** enfatiza a natureza física do homem. A palavra para “homem” nesta passagem é אָדָם (*adam*), que é o uso genérico do vocábulo hebraico que significa “humanidade” e tornou-se, mais tarde, o nome próprio “Adão” (2:20; 3:17, 21). Todavia, aqui, como também em Gênesis 5:1 e 2, *adam* incluía originalmente “homem e mulher”, pois ambos foram feitos à imagem e semelhança de Deus. Visto que o homem e a mulher diferem um do outro física e sexualmente, a imagem de Deus em cada sexo (*adam*, “humanidade”) deve referir outra coisa que não a natureza ou forma física. O termo sugere sensibilidade moral, uma vida espiritual e qualidades intelectuais que só o homem compartilha com seu Criador, em contraste com os demais seres viventes que Ele fez.

Versículo 28. Quando Deus criou o homem e a mulher à Sua imagem, Ele os **abençoou** e lhes ordenou que fossem **fecundos, multiplicassem e enchessem a terra**. Nesse ato, Deus não só concedeu Sua bênção sobre a humanidade, como também lhes deu a capacidade de cumprir seu potencial se multiplicando e enchendo a terra, como fizera com as aves e os animais marinhos em 1:22. A bênção da intimidade sexual para o homem e a mulher, envolvida na procriação, não é um acidente da natureza nem simplesmente um fenômeno biológico. Tampouco é algo que os levou a pecar no jardim do Éden ou aconteceu como um castigo pelo pecado.

Qualquer tentativa de descrever o impulso sexual que Deus desenvolveu no ser humano como algo não espiritual, sórdido ou mal é contrário ao ensino bíblico. Ele faz parte da criação de Deus, a qual Ele classificou como “muito boa” (1:31), ao contemplar tudo o que fizera. Não é o sexo que é pecaminoso, e sim o mau uso dele; e isso pode se aplicar até ao casamento, quando uma pessoa usa outro indivíduo como um objeto sexual para saciar seu próprio desejo lascivo egoísta. Embora a identidade sexual e sua função não façam parte da natureza ou função, a procriação divina é estabelecida de um modo positivo como o propósito divino do casamento e parte da vontade de Deus para o homem e a mulher, feitos à Sua imagem.

A ordem de Deus para serem “fecundos, se multiplicarem e encherem a terra” contrasta diametralmente com os antigos cultos de fertilidade. Esses rituais degenerativos, com seus atos aviltantes de prostituição, deveriam estimular os deuses a copularem a fim de levarem fertilidade aos seres humanos, animais e colheitas. A ordem e a bênção de Deus tornaram não só desnecessária a participação em cultos desse tipo, mas também a marca decisiva de incredulidade e pecado, pois constitui um desvio do único e verdadeiro Criador e Sustentador da vida para práticas degradantes de idolatria que mancham a imagem de Deus no homem. Em contraste com essas práticas degradantes, o casamento de um homem e uma mulher foi presente de Deus para a humanidade desde o princípio; e ele veio com uma bênção especial sobre eles e sua posteridade.

O conceito de bênção deve ser levado a sério. Este é um dos temas centrais de Gênesis. Primeiramente, a bênção tinha a ver com prosperidade, com fecundidade para encher a terra; mas a “semente” do homem já estava vinculada às bênçãos. Este conceito, por sua vez, domina a narrativa por todo o resto do Livro de Gênesis. A mesma bênção foi dada a uma série de indivíduos – não só para eles, mas para servir de conduta das boas dádivas de Deus para o mundo inteiro.

Além de encher a terra através da procriação, a segunda ordem de Deus ao homem e à mulher foi: **sujeitai-a; dominai sobre os peixes... as aves... e... todo animal que rasteja** no planeta (veja 1:26b). O primeiro termo traduzido por “sujeitai” é *קָבַשׁ* (*kabash*), que refere a terra e sugere que a dominação que deveria acontecer envolveria força e resistência¹⁸.

Kabash é usado neste sentido em uma porção de passagens bíblicas. Por exemplo, o rei Assuero pensou que Hamã estava tentando atacar (violentar) sua esposa, a rainha Ester (Ester 7:8). O termo também faz referência à conquista e subjugação militar das cidades cananeias (Números 32:22; Josué 18:1). Além disso, ele descreve judeus submetidos à escravidão (2 Crônicas 28:10; Neemias 5:5; Jeremias 34:11).

Ainda que o verbo *kabash* geralmente envolva coerção nas relações humanas, o contexto de Gênesis 1 não envolve subjugação de pessoas, mas da terra. A implicação de Gênesis 1:28 parece ser que a terra não atenderia facilmente à vontade do homem; ele

¹⁸John N. Oswalt, “קָבַשׁ”, em *DITAT*, p. 702.

teria de fazer a criação submeter-se à força. Victor P. Hamilton comentou que o que é referido aqui é “o assentamento e a agricultura”, em paralelo com a ideia de cultivar e conservar a terra em 2:5, 15¹⁹.

A próxima parte da admoestação divina ao ser humano era que ele “dominasse sobre os peixes... as aves... e... todo animal que rasteja” na terra. O termo em Gênesis 1:28 que se aplica ao domínio do homem sobre todas essas criaturas é *radah* (רָדָה), geralmente usado para “o domínio humano, e não divino”²⁰. Um exemplo disso pode ser visto em Salmos 110:2, em que o Senhor exortou o rei em Sião a dominar (*radah*) entre os seus inimigos. A palavra também é usada para o domínio de Israel sobre seus inimigos cativos (Isaías 14:2) e para as nações gentias que subjugavam outros povos e os sujeitavam ao seu governo opressor (Isaías 14:6).

Radah é um termo régio que envolve governo e domínio sobre pessoas; porém, o povo de Deus não deveria ser ríspido no exercício dessa autoridade. Em Levítico 25:43, o dono de escravo foi expressamente proibido de dominar (*radah*) seu servo com severidade. Salomão, pelo menos nos primeiros anos de seu reinado, exerceu domínio (*radah*) pacífico sobre os reinos vassalo em torno de Israel (1 Reis 4:24). O salmista orou para que o rei no poder exercesse seu governo (*radah*) com justiça e retidão, livrando os necessitados e aflitos, tendo compaixão dos pobres e salvando suas vidas, resgatando os desamparados da opressão e instituindo a paz para o povo sob o seu comando (Salmos 72:1–3, 7, 8, 12–14).

Este, evidentemente, é o tipo de domínio (*radah*) que Deus confiou à raça humana no princípio. Ele legitima um uso humano de recursos naturais, mas não dá licença para que o homem abuse do belo mundo de Deus. O homem sempre precisa ser lembrado de que, embora ele tenha sido colocado numa posição de domínio sobre a natureza e o reino animal, ele deve sujeição a Deus e deve exercer o seu domínio preocupado com o bem-estar desses elementos, e não de um modo cruel e exploratório. O homem deve refletir o caráter (imagem) benéfico de Deus na maneira como governa a terra e as criaturas. A ordem de Deus ao homem era para que ele controlasse os animais e a terra, mas ele deveria dominá-los com responsabilidade e compaixão, como um mordomo ou administrador fiel que cuida da propriedade de seu Senhor.

¹⁹Hamilton, pp. 139–40.

²⁰William White, “רָדָה”, em *DITAT*, p. 1402.

As Provisões Divinas de Mantimento para a Raça Humana e os Animais (1:29, 30)

²⁹E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento. ³⁰E a todos os animais da terra, e a todas as aves dos céus, e a todos os répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhes será para mantimento. E assim se fez.

Versículos 29 e 30. O autor de Gênesis continuou o relato da criação afirmando que Deus providenciou **mantimento** para todos os seres vivos criando **todas as ervas que dão semente** e **todas as árvores em que há fruto** para delas se beneficiarem. Esta declaração contrasta acentuadamente com a visão mesopotâmica típica que representava o homem como tendo sido criado para “o serviço dos deuses”²¹, ou seja, para prover alimento para os deuses. Isto fica evidente na Epopeia de Gilgamesh porque, depois de os deuses mandarem o dilúvio para destruir a raça humana, não tinham quem os alimentasse. Diz-se que quando Utnapishtim (o equivalente babilônico a Noé) saiu do barco e ofereceu um sacrifício, os deuses estavam com tanta fome que “se aglomeraram como moscas”²² em torno do barco.

A afirmação de que Deus designou “todas as plantas” “para alimento” (NVI) tanto para o homem como para os animais não significa que todos os seres vivos estavam restritos a alimentar-se de plantas, mais do que significa que “todas as plantas eram igualmente comestíveis para todas [as criaturas]. É uma generalização de que, direta ou indiretamente, toda vida dependia da vegetação, e o interesse do versículo é mostrar que todos recebem sustento das mãos de Deus”²³. Obviamente, somente após o dilúvio comer carne foi autorizado especificamente (9:2–4). Todavia, Deus não proibiu o consumo de carne antes disso. Deve-se notar também que Deus fez vestimentas de pele para cobrir Adão e Eva após terem pecado no jardim (3:21). Diante disso, pergunta-se, naturalmente: “Deus deu ao primeiro casal alguma carne de animal para

²¹O *Épico da Criação* [*Enuma Elish*] 6.8, 36.

²²A *Epopeia de Gilgamesh* 11.161.

²³Derek Kidner, *Gênesis: introdução e comentário*, Série Cultura Bíblica. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova & Mundo Cristão, 1979, pp. 49–50.

comerem?” Embora a pergunta permaneça sem resposta, o texto permite que essa seja uma possibilidade real.

Praticamente, desde o começo da raça humana, faz-se menção de sacrifícios oferecidos a Deus com Sua aprovação (4:4). Novamente, isto implicaria que o adorador também consumia uma porção do animal que ofereceu no altar ao Senhor, como foi, posteriormente, a prática debaixo da Lei? Mesmo antes do dilúvio, Deus instruiu Noé a fazer uma distinção entre o número de animais “puros” e “impuros” que deveriam ser levados para dentro da arca (7:2). Isso indica que antes do dilúvio, como ocorreu depois no sistema mosaico, só os animais “puros” deveriam ser comidos pelos homens e oferecidos a Deus? Sem nenhuma declaração bíblica clara, é impossível se obter uma resposta certa a essas perguntas. Permanece aqui um elemento de conjectura; mas estas passagens de fato parecem sugerir que, até a introdução do pecado no mundo, Deus deu ao Seu povo algumas instruções a respeito da matança, oferta e possivelmente ingestão de sacrifícios de animais. A única informação definitiva sobre essas questões registrada nas Escrituras vem do período posterior ao dilúvio.

A Avaliação Divina da Criação (1:31)

³¹Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia.

Versículo 31. A fórmula divina de apreciação foi expressa em Gênesis 1:4, 10, 12, 18, 21 e 25; mas no término do **sexto dia**, ela foi levemente modificada para enfatizar a perfeição de Sua gloriosa criação. Anteriormente, Deus havia aplicado o termo

“bom” a itens particulares que Ele criou; mas agora o soberano Criador deu um passo para trás e **viu... tudo quanto fizera**. Deus declarou, com entusiasmo, que tudo não era simplesmente “bom”, mas **muito bom**.

A avaliação qualitativa de “muito bom” só foi emitida por Deus após a criação do ser humano (*‘adam*, que inclui homem e mulher, ou macho e fêmea). Os seres humanos se destacam no pináculo de tudo quanto Deus fez porque só eles levam a imagem do Criador e são Seus representantes na terra (1:26–28). A inclusão do homem na avaliação “muito bom” apresenta uma visão muito elevada do homem, como foi originalmente criado, e contrasta acentuadamente com a visão negativa do homem na Mesopotâmia antiga.

No Épico da Criação, Marduk, o rei dos deuses, decidiu fazer “um selvagem”, dizendo: “Homem será o seu nome. Certamente, um homem-selvagem criarei”. Neste relato, diz-se que o homem foi criado como um ser “selvagem” porque ele foi feito com o sangue de Kingu, o pior de todos os deuses²⁴. O contraste entre a literatura da Mesopotâmia antiga e a de Gênesis é claro: na primeira, o homem como um selvagem veio de um deus selvagem, Kingu, o pereceu numa guerra contra outros deuses liderada por Marduk. Na segunda, o homem – feito à imagem de Deus – fazia parte da criação que o Senhor avaliou como “muito boa”, e ele foi criado pelo Deus santo e amoroso, o qual só queria abençoá-lo e dividir todas as coisas boas com ele. Esta é a história de Gênesis do sexto dia da criação.

²⁴ O Épico da Criação [Enuma Elish] 6.29–33.